

ORATÓRIO FESTIVO “SÃO JOÃO BOSCO”: instituição para educar meninas órfãs e pobres em Aracaju (1914-1952)*

ORATÓRIO FESTIVO “SÃO JOÃO BOSCO”: institution for girls education in poor and orphaned Aracaju (1914-1952)

Nadja Santos Bonifácio**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo expor considerações sobre as modalidades formal e informal de ensino, partindo de representações da formação educativa oferecida no Oratório Festivo “São João Bosco”, abordando ainda as intenções da Igreja na primeira metade do século XX, visando à educação do indivíduo civilizado. Trata de aspectos da infância pobre em Sergipe. Para isso, empregou-se como fundamento teórico-metodológico os preceitos da História Cultural e como categorias de análise os conceitos de civilização de Norbert Elias; apropriação de Roger Chartier; habitus e campo religioso de Pierre Bourdieu que permitiram trabalhar o conteúdo das diversas fontes coletadas entre documentos orais e escritos.

Palavras-chave: Educação Feminina; Infância Pobre; Educação Confessional.

ABSTRACT

This article aims to expose the formal considerations and informal education, from representations of the educational training offered at the Oratório Festivo “São João Bosco”, also addresses the intentions of the Church in the first half of the twentieth century, aiming to educate the civilized individual. It deals with aspects of poor childhood in Sergipe. For this, we used as a theoretical and methodological precepts of Cultural History and uses categories of analysis the concepts of civilization of Norbert Elias; appropriation of Roger Chartier, and the camp religious and habitus of Pierre Bourdieu that allowed the content of the work collected from various sources oral and written documents.

Keywords: Feminine Education, Poor Children, Education Confessional.

* Este artigo resulta de dissertação de mestrado defendida em 2011, no Núcleo de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, intitulada “Acolher, instruir e educar: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para a educação feminina em Aracaju (1914-1952)”, com o apoio financeiro da CAPES.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: nad3sb@gmail.com

APRESENTAÇÃO

O Oratório Festivo São João Bosco no período de 1914 a 1952 foi dirigido pela benemerita e cooperadora salesiana Genésia Fontes, que seguiu os padrões educativos da Congregação Salesiana. A instituição, abrigo para meninas abandonadas, de cunho confessional, católico e filantrópico¹ foi criada a 16 de agosto de 1914, em homenagem a Dom Bosco, seu protetor. Conforme os Estatutos, adotou “as divinas lições de Dom Bosco” e seu “modelo educativo” – o chamado Sistema Preventivo de Dom Bosco.



Figura1: Oratório Festivo São João Bosco, década de 1950.

O objetivo inicial da obra era promover a catequização de meninas pobres, acompanhando o modelo dos Oratórios Festivos, no sentido de afastá-las dos vícios deturpadores e da ociosidade.

Vale ressaltar que a implantação de um Oratório Festivo² nos moldes de Dom Bosco consistia em congregar aos domingos e dias festivos “meninos

¹ No período a filantropia fundamentava-se na razão científica e visou “preparar a criança pobre e a abandonada para o mundo do trabalho, buscando também valorizar a família para prevenir a ociosidade, a prostituição, à mendicância, o crime, o abandono do menor, a criança na rua”, ou seja, desejava-se formar o bom trabalhador, estruturar o cidadão normatizado e disciplinado (capaz de viver bem nas grandes cidades, em boa forma e com boa saúde) MARCÍLIO, Maria Luiza. *História Social da Criança Abandonada*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p. 207-208.

² Considera-se o termo “oratório festivo” não somente como espaço de evangelização e socialização, mas também, como uma prática – a prática oratoriana – que se desenvolve através de ações pedagógicas, tais como, jogos e brincadeiras, teatros, cantos, aprendizado religioso e moral.

pobres e abandonados em um lugar adequado, onde pudessem ocupar-se em jogos, diversões honestas e em seguida aproveitar a oportunidade para ensinar os rudimentos da fé cristã”³. Frisa-se ainda que os Oratórios Festivos não se limitaram à instrução religiosa. “Os oratórios hão [...] de formar meninos bem educados que não desonrem seus pais nem seus mestres”⁴. Em suma, os Oratórios Festivos eram espaços onde se difundiam os ensinamentos da religião, do trabalho, dos valores morais e dos bons costumes.

Borges explicou que “os Oratórios surgiram como uma rede de instituições adequadas aos tempos difíceis vividos pelos menores na Itália pós-revolucionária industrial”⁵. Em meados do século XIX, na Europa, especificamente na Itália, as conturbações entre poder eclesiástico e poder civil resultaram no desfavorecimento da Igreja com relação ao ensino. As congregações religiosas européias, que monopolizavam a educação, perderam não apenas esse privilégio, mas também os bens.

Foi nesse cenário de transformações que João Belchior Bosco⁶ enxergou nas necessidades de mudanças de hábitos dos jovens pobres e desamparados de Turim, um meio de orientá-los, pois eram jovens que se envolviam com hábitos viciosos, que deturpavam a moral civil e cristã.

Com isso em vista, iniciou “uma intervenção educativa, tomando como estratégia a instituição denominada Oratório Festivo”⁷. O primeiro Oratório, então denominado Oratório Festivo de São Francisco de Sales,

³ AZZI, Riolando. *Op. cit.*, p. 78.

⁴ *Boletim Salesiano*, ano VII, vol. II, nº 1, jan./1908, p. 686.

⁵ BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. *Op. cit.*, p. 03.

⁶ Nasceu a 16 de agosto de 1815, no Colle dos Becchi, localizado em Castelnuovo de Asti (atualmente chama-se Castelnuovo Dom Bosco), Itália. Oriundo de família de camponeses humildes. A mãe era analfabeta e ficou órfão de pai aos dois anos de idade. Fez seus primeiros estudos com dificuldade, pois, para manter os estudos na mocidade trabalhou como costureiro, sapateiro, ferreiro, carpinteiro e nos tempos livres estudava música. João Bosco era de estatura atlética, memória incomum, inclinado à música e à arte e tinha uma linguagem fácil, espírito de liderança e ótimo escritor. Em 1835, teve a oportunidade de entrar para o Seminário de Chieri, ordenando-se sacerdote a 05 de junho de 1841. Em 8 de dezembro, do mesmo ano iniciou seu apostolado com os jovens em Turim. Em 1846, estabeleceu-se definitivamente em Valdocco, bairro de Turim, onde fundou o Oratório Festivo de São Francisco de Sales. Faleceu a 31 de janeiro de 1888, aos 72 anos de idade, deixando a Congregação Salesiana espalhada por diversos países. Dom Bosco foi consagrado Beato em 1929 e canonizado a 01 de abril de 1934, no papado de Pio XI, considerado o Papa dos Salesianos, por conceder várias benesses à Congregação Salesiana. Verificar: *São João Bosco – Traços Biográficos*. Disponível em: <http://www.auxiliadora.org.br/dombosco.htm>. Acesso em 09 de dezembro de 2009.

⁷ BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. *Op. cit.*, p. 03.

foi criado com o propósito de acolher, evangelizar e educar. A proposta constituía-se em civilizar o jovem para a religião e o trabalho. Contudo, a metodologia de interagir com a juventude pobre, por ele reinventada, deve-se relacionar com três pontos principais: sua formação e experiência sacerdotal, suas leituras sobre as teorias clássicas da educação que a época lhe proporcionou e pelas condições sociais daquele momento.

Conforme afirmou Borges⁸, Dom Bosco entrou em contato com clássicos da educação de seu tempo e recorreu a reminiscências de educadores do passado, tais como Vitorino Da Feltre⁹ (século XV) e Felipe Neri¹⁰ (século XVI), respectivamente, educador leigo e sacerdote italianos. Esses precursores elaboraram – cada um a seu tempo – práticas educativas para atrair, satisfazer e educar as crianças, que além dos conhecimentos da educação intelectual e moral, executavam os exercícios corporais: a corrida, esgrima, natação, equitação, jogo de bola, passeios, música, brincadeiras. Enfim, para Borges, o que havia em comum entre

⁸ BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. *Op. cit.*

⁹ Vitorino Da Feltre foi pedagogo, professor leigo, italiano que viveu entre 1378 a 1446. Era cristão e considerado um dos mais importantes educadores do movimento renascentista italiano. Segundo Borges a “contribuição de Da Feltre para a educação deu-se com a aplicação de seus ideais humanistas e cristãos na educação escolar de jovens nobres na cidade de Pádua (Itália), em um ambiente denominado ‘Casa Giocosa’. Nesse ambiente desenvolvia-se a educação integral segundo o ideal humanista, assim os alunos tinham formação moral e intelectual sem distinções entre homens e mulheres, com ensino de grego, literatura, filosofia e história, declamação e leitura pública para melhorar a eloquência, aritmética, geometria, astronomia, música”, visando uma formação de homem para o Estado e para a Igreja. BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. *Um só coração uma só alma: as influências da ética romântica na intervenção educativa salesiana e o papel das atividades corporais*. Rio de Janeiro: UGF, 2005, p. 85-86.

¹⁰ Felipe Neri nasceu em Florença/Itália, filho de Francisco e Lucrecia Neri, viveu entre 1515 e 1595. Considerado padroeiro dos comediantes e humoristas. Por ser companheiro alegre e brincalhão, apelidaram-no de “pipo bom”. “Felipe estudou Filosofia e depois Teologia, que parece tê-lo conduzido a meditações profundas sobre sua vida, [por isso optou] pelos [...] jovens pobres para os quais Felipe se sentia chamado a promover, a conduzir para a dignidade humana e cristã”. Assim, sua principal estratégia foi a alegria, a brincadeira, o jogo e logo percebeu que esses atrativos eram as armas para conquistar o jovem. Em 1558 criou o Oratório na Igreja de São Girolamo da Caridade e para auxiliá-lo com os jovens criou a Congregação do Oratório, cuja característica seria a vida em comum sem votos”. BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. *Um só coração uma só alma: as influências da ética romântica na intervenção educativa salesiana e o papel das atividades corporais*. Rio de Janeiro: UGF, 2005, p. 03.

os educadores era “a estratégia da alegria”¹¹ e a descontração do corpo através do jogo e da brincadeira, fator primordial e fundante na pedagogia de Dom Bosco. Essas apropriações permitiram-lhe a “reelaboração” de ideias educativas que aplicou no ensino dos jovens de sua época.

A partir dessas considerações compreende-se que o sacerdote João Bosco não inventou os Oratórios, como estabelecimentos de educação informal como comumente se pensa. Os “Oratórios” já existiam na Itália e na França naquele tempo. Eram instituições lideradas pela Igreja e legitimadas pelo governo monárquico para instruir os pobres nas regras dos bons costumes e na catequização. Porém, o adjetivo “Festivo” foi proposta do sacerdote João Bosco para diferenciá-lo dos demais¹².

Sendo assim, ele reestruturou, aprimorou e adaptou o modelo dos Oratórios existentes, através de seus estudos sobre educação e experiências que absorveu durante a prática do tirocínio realizado nas ruas, fábricas, bares e prisões de Turim, acompanhando o sacerdote, José Cafasso, seu mestre e confessor.

Quanto a isso, Bourdieu¹³ salientou que a condição de acesso realmente produtivo é a capacidade que o homem tem de reproduzir ativamente os melhores produtos dos pensadores do passado, pondo a funcionar os instrumentos de produção que eles deixaram. E prosseguiu:

Nunca se passa para além da história e da ciência do homem não poder por a si mesmo outro fim que não seja o de se reapropriar, pela tomada de consciência, da necessidade que está inscrita na história e, em particular de conferir a si mesmo o domínio teórico das condições históricas em que pode emergir necessidades trans-históricas.¹⁴

¹¹ BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. “Casa Giocosa”, Oratório São Girolamo”, “Oratório São Francisco de Sales”: Experiência que se refazem e se aprimoram. In: *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação*. COLUBHE06. Uberlândia/MG: UFU, 2006, p. 4.192.

¹² SCARAMUSSA, Tarcísio. *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1977.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 63.

¹⁴ *Ibid.*, p. 70.

Nessa concepção, através de estudos do funcionamento da ação pedagógica de seus antecessores italianos; o contato com as teorias pedagógicas surgidas no século XIX; os estudos de modelos educativos de outras Congregações religiosas, como dos lassaristas e jesuítas, Dom Bosco chegou ao seu modelo educativo conhecido como Sistema Educativo de Dom Bosco ou Sistema Preventivo de Dom Bosco, que se baseia na razão, religião e *amorevolezza* (representada pela benevolência, amabilidade, alegria dos mestres e auxiliares).

Todavia, apesar dos Oratórios Festivos não terem caráter de escolarização considera-se que foi um modo informal de educação católica e de socialização¹⁵ utilizado pela Congregação Salesiana para doutrinar crianças pobres difundido em várias partes do mundo.

Desse modo, este artigo objetiva expor considerações sobre as modalidades formal e informal de ensino, partindo de representações da formação educativa oferecida no Oratório Festivo “São João Bosco”, que utilizou o Sistema de ensino Salesiano, abordando ainda as intenções da Igreja na primeira metade do século XX, visando à educação do indivíduo civilizado e, consequentemente católico. Trata de aspectos da infância pobre em Sergipe. Para isso, empregou-se como fundamento teórico-metodológico os preceitos da História Cultural e como categorias de análise os conceitos de civilização de Norbert Elias; apropriação de Roger Chartier; *habitus* e campo religioso de Pierre Bourdieu, que permitiram trabalhar o conteúdo de fontes diversas: jornais, anais da instituição, cartas-programas, fontes orais, dentre outras.

ORIGEM DO ORATÓRIO FESTIVO DOM BOSCO

Em 31 de janeiro de 1888 faleceu o sacerdote Dom Bosco, deixando um legado de três obras solidamente constituídas. Quais sejam: a)

¹⁵ Compreende-se o termo socialização a partir do ponto de vista de Setton (2005). Em que o processo de socialização consiste numa nova configuração das relações sociais, onde as ações educativas não se realizam apenas nos espaços institucionais tradicionais, mas através de outras modalidades educativas que contribuem para o surgimento de uma nova percepção do indivíduo sobre si e sobre os grupos que os rodeia. SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, vol. 17, n. 2, 2005, p. 335-350.

O Instituto ou Pia União de São Francisco de Sales (Salesianos), que se encarregou da educação de meninos (a esse ramo estava ligado à figura do Coadjutor¹⁶ que acompanhava os padres em suas missões); b) A Associação das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) instituída para cuidar da educação de meninas (nesse ramo inclui-se a figura das missionárias, mulheres formadas na religião que acompanhavam as freiras salesianas em suas missões); c) A Pia União dos Cooperadores e Cooperadoras Salesianas (os beneméritos de Dom Bosco), órgão ao qual estava ligado o Boletim Salesiano, periódico que tinha por função estimular, orientar e instruir o Cooperador em suas ações e obras de caridade em favor da Congregação como vimos anteriormente.

Os Salesianos, como “especialistas” encarregados da “gestão dos bens de salvação”¹⁷ estabeleceram suas primeiras fundações no Brasil no ano de 1883, com o Colégio Santa Rosa, em Niterói, no Rio de Janeiro; e o Liceu Coração de Jesus em São Paulo em 1885, ambos para meninos. A primeira casa constituída no Nordeste foi o Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração, fundado no Recife em 1895, destinado a meninos órfãos e desamparados¹⁸. As Salesianas estabeleceram o primeiro para meninas em Guaratinguetá/São Paulo, o Colégio Nossa Senhora do Carmo em 1892, oferecendo internato, externato, cursos primário e profissional e escola noturna gratuita¹⁹. A primeira casa do nordeste para meninas foi o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora instalado em Petrolina/PE em 1926. Em Sergipe, a primeira obra Salesiana também acolheu meninos pobres

¹⁶ O Coadjutor ou irmão era um membro leigo formado (um irmão sem hábito) pela Congregação Salesiana, que exercia o papel de religioso e educador. Ressalta-se que na formação dessa categoria exigia-se apenas o “aspirantado, noviciado e os votos [profissão perpétua], como os eclesiásticos”, porém, não prosseguiram os estudos de Filosofia Eclesiástica e Teológica como os sacerdotes. Apesar de existirem homens formados em Engenharia, Agronomia, a grande maioria era sapateiros, marceneiros, alfaiates, ferreiros, encadernadores e outros ofícios que suprissem a mão de obra das Escolas Profissionais, as Escolas Agrícolas e o ensino da catequese. OLIVEIRA, Luiz de. *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil. Vol. I – (dos primórdios até 1933)*. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994a, p. 73.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 58-59.

¹⁸ AZZI, Rioldo. *Op. Cit.*; OLIVEIRA, Luiz de. *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil. Vol. I – (dos primórdios até 1933)*. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994a.

¹⁹ SANTOS, Priscila dos Santos; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. As irmãs salesianas: na educação da mulher natalense na década de 1970. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: a Educação Escolar em Perspectiva*. Curitiba/Paraná: PUCPR, 2004, p. 5.

na Escola Agrícola “São José” implantada em 1902, num lugar conhecido como “Tebaida”²⁰.

Nessa direção, a fim de implantar ensino e educação à juventude pobre e abandonada, a Congregação Salesiana concebeu os Oratórios Festivos, que segundo Azzi²¹ eram uma espécie de ponta de lança da obra de Dom Bosco, destacando-se como organismos complementares²² da instituição. Pode-se inferir que era a mola impulsora do empreendimento salesiano, pois, a partir deles “criava-se na localidade ou cidade um ambiente favorável à implantação progressiva das outras atividades”²³. A intenção era reunir num espaço apropriado (amplo e alegre), um número considerável de crianças interagindo entre os ritos católicos e práticas festivas. A ludicidade desenvolvida pelos padres e auxiliares com a interação dos alunos organizadamente (no sentido de não deixar o jovem ocioso) era o trunfo da atração e permanência das crianças nas atividades.

Nessa perspectiva, essa forma estratégica de prática informal de ensino fazia parte do “projeto de expansão salesiano” desde os primórdios da obra de Dom Bosco, uma vez que, a instalação de um Oratório Festivo dispensava pouco investimento financeiro, além de tornar-se um meio de ‘sondagem’ para interpretar o tipo de clientela específica a ser estabelecida numa localidade. Azzi salientou que,

[...] necessitando de poucos recursos humanos e materiais, os Oratórios Festivos se multiplicaram pelas diversas cidades do Brasil. Tiveram sempre vida muito flutuante, com períodos de

²⁰ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Memórias do aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe*. Maceió: Edições Catavento, 2004; OLIVEIRA, Luiz de. *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil. Vol. I – (dos primórdios até 1933)*. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994a; SILVA, Antenor de Andrade. *Os Salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe – Brasil (1897-1970)*. Instituto Storico Salesiano – Roma, 2000, p. 304.

²¹ AZZI, Riolando. *Op. cit.*

²² Distingue-se organismos complementares como dispositivos necessários para aplicação das normas estabelecidas na instituição, visando interiorizar a disciplina necessária na formação de corpos e mentes. BONIFÁCIO, Nadja Santos; FREITAS, Anamaria G. Bueno de. *Mulheres Reunidas: o legado da União das Ex-Alunas do Oratório Festivo São João Bosco*. In: *Anais do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Infância, Juventude e Relações de Gênero na História da Educação*. São Luís/MA: UFMA, 2010, p. 5.

²³ AZZI, Riolando. *Op. cit.* p. 78.

maior vitalidade e épocas de estagnação e decadência. Houve mesmo casos em que a presença de um salesiano em repouso numa cidade foi o suficiente para que lá fosse iniciado um Oratório Festivo. [Pois], na medida em que se consolidava sua presença numa cidade ou região procuravam os salesianos desenvolver outros tipos de trabalho entre a juventude, destacando-se nesse sentido as escolas profissionais ou agrícolas.²⁴

O primeiro Oratório Festivo instituído em Aracaju não fugiu à regra da ‘sondagem’, “como em outras partes, também nasceu festivo, isto é, limitado aos domingos e dias santificados”²⁵. Sua implantação deu-se em 1908, no terreno do atual Colégio Salesiano, com o objetivo de catequizar meninos pobres.

Em 1913 chegou a Aracaju o Padre salesiano Aníbal Lazzari, italiano formado em Turim, que atuava no Recife desde 1901. Tinha por missão dirigir o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, fundado em 1911, localizado na época na Rua da Aurora (atual Avenida Rio Branco) e para atender os filhos da elite economicamente elevada do Estado.

Em 1914, o padre reativou o antigo Oratório Festivo Nossa Senhora Auxiliadora para meninos e, concomitantemente incentivou as mulheres da Associação das Filhas de Maria e Damas de Caridade a engajar-se no projeto de formação de um Oratório Festivo para meninas, pois percebeu que nas redondezas da Tebaidinha (como ficou conhecido o lugar) havia um número considerável de meninas – que para ele – careciam de “salvar a alma”, assim, a necessidade de criar um Oratório Feminino.

Dentre do grupo das senhoras de caridade estava Genésia Fontes, “jovem muito ativa e de grande piedade, mais conhecida como d. Bebé” que aceitou formar “um catecismo nos moldes do Oratório de Dom Bosco”²⁶ e com mais três senhoras da Associação iniciou os trabalhos em 1914.

²⁴ *Ibid.*, p. 81.

²⁵ *Boletim Salesiano*, n° 3, mar./1961, p. 541.

²⁶ OLIVEIRA, Luiz de. *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil. Vol. I – (dos primórdios até 1933)*. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994a, p. 78.



Figura 2: Padre Diretor Anibal Lazzari (Confessor, incentivador e conselheiro de Genésia Fontes. Atuou no Colégio N. S. Auxiliadora de 1913 a 1919) Autoria: Photo Brasil/Aracaju. S/d. Acervo do Colégio N. S. Auxiliadora, 2008.

Todavia, ao engajar-se no projeto dos Salesianos em Aracaju, Genésia Fontes já dispunha de um pré-conhecimento do sistema de ensino salesiano e sobre a vida de Dom Bosco, a partir das leituras de exemplares dos Boletins Salesianos e por ser uma Cooperadora de Dom Bosco.

A revista, Boletim Salesiano, estimulava o Cooperador Salesiano a contribuir com as obras de Dom Bosco, entretanto, aquele que não tivesse condições financeiras de cooperar com grandes construções e doações, atuaria modestamente, formando grupos para o ensino da catequese e outras atividades de aconselhamento e orientação.



Figura 3: Genésia Fontes (Dona Bébé). Autoria desconhecida. S.d. Acervo do Oratório Festivo Dom Bosco.

As Cooperadoras Salesianas, a depender da condição social encarregavam-se de ajudar as Filhas de Maria Auxiliadora na educação de meninas, a fim de “afeiçoá-las, informá-las no bom espírito e fazer delas boas mães cristãs”. A recomendação do Boletim era que seus membros

pesquisassem os lares conhecidos para “aconselhar, dissuadir e influir” na educação das crianças; na “obra da educação moral, intelectual e artística da juventude necessitada, especialmente das crianças desvalidas; cooperar com o bem público, a cristianização e ensino dos meninos [e meninas] pobres”²⁷. Conquanto que, nas quatro primeiras décadas do século XX houve um incentivo para que as mulheres, principalmente as de classe média e alta promovessem ações caritativas, consideradas um trabalho bem visto pela sociedade.

Segundo Besse,

As organizações femininas de caridade se proliferaram e prosperaram a partir do final da década de 1910. As mulheres de classe média e alta aderiam animadamente às fileiras cada vez maiores de voluntárias, pois a participação lhes oferecia tanto um meio de ingressar na corrente predominante da vida pública quanto uma válvula de escape para seus talentos e energias. Ademais, numa sociedade que considerava cada vez mais importante educar as mulheres para serem cidadãs úteis, o trabalho voluntário em prol de causas caritativas oferecia, às mulheres casadas de boa instrução e sustento garantido, um meio aceitável de darem uma contribuição pública a sociedade²⁸.

Mas qual a representação do Oratório Festivo transmitida para a sociedade através dos Boletins Salesianos nas primeiras décadas do século XX?

[O Oratório Festivo] é um ponto de reunião para a juventude nos dias festivos. Arma-se uma capela decente; ao lado da capela faz-se um barracão que sirva de teatro e de recreio para os jovens nos dias de chuva; depois aplanam-se um vasto terreiro, onde possam correr e saltar dezenas de meninos, organizam-se

²⁷ *Boletim Salesiano*, ano X, vol. IV, nº 9, set./1911, p. 222.

²⁸ BESSE, Susan K. *Modernização e Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 169.

alguns jogos, rodeiam-se o local de uma pequena parede e está pronto o Oratório. Então procede-se á inauguração solene; e ao cabo de algumas semanas, é de ver como nos dias festivos toda a juventude da cidade ou da região acode com alegria ao Oratório, porque passa aí horas felizes em mil divertimentos, ouve Missa, com a Missa tem também um pequeno sermão, numa palavra, santifica modelarmente o dia do Senhor e diverte-se a mais não poder²⁹.

Para os Cooperadores e Cooperadoras, a representação sobre os Oratórios Festivos anunciava:

Quem, portanto se sentisse inspirado por Deus a fundar uma obra semelhante, não se desanime se nos princípios houver de lutar com a falta de pessoal; com a benção de Deus e com o andar dos tempos encontrará mesmo entre os jovens mais assíduos ao Oratório. [...] Talvez quem ouvindo neste livrinho que servirá de norma, falar em capela, de escola, de recreios, de música, de biblioteca, etc., poderá imaginar também que não se possa começar um oratório se não há desde logo todo este aparato, e em toda a parte haja o necessário confortante: mobílias, paramentos, armários, bancos, livros, mesas, jogos variados, etc. [...] Não quisera que esta ideia fixando-se na mente de algumas pessoas as dissuadisse de por mãos a uma obra de tanta utilidade. Pode-se começar com pouco; se não houver capela própria poderá servir a Igreja paroquial ou o coro da sacristia, ou a capela de alguma confraria; se não escolas nos princípios, virão mais tarde e mesmo não as ter, onde não há necessidade. Uma coisa chama outra, e de coisa nasce coisa. A Divina Providencia que de tudo vela, abençoará a vossa solicitude industriosa e vos fornecerá pouco a pouco de tudo quanto for necessário³⁰.

²⁹ *Boletim Salesiano*, Ano XI, vol. IV, n.º. 7, jul./1912, p. 172.

³⁰ *Boletim Salesiano*, ano X, vol. IV, n. 1, jan./ 1911, p. 33-34.

As iniciativas do grupo feminino de cooperadoras salesianas avultaram as obras sociais e assistenciais dos Salesianos, pois proporcionou um elo de difusão dos ensinamentos da doutrina religiosa católica com o seu ambiente de convívio, engrandecendo ainda mais a Congregação. Como membro da cooperação salesiana, o ato mais importante da benemérita Genésia Fontes foi a criação do Oratório Festivo Dom Bosco, dedicando-se durante trinta e oito anos, na formação de moças pobres.

Diante desses dados considera-se fundamental ressaltar que a criação do Oratório Festivo Dom Bosco não estava alheio ao processo de crescimento e modernização da cidade e do processo de romanização da Igreja brasileira. Observa-se que foi dentro dessas perspectivas sociais que o Oratório Festivo Dom Bosco se fez presente. Foi criado numa parte da cidade onde o acesso de meninas pobres à escola era deficiente. Os grupos escolares dentro da ‘cidade saneada’ e, na maioria das vezes, as escolas isoladas eram insuficientes e distantes das casas das meninas. Em suma, a localidade era um meio propício para introdução desse tipo de instituição.

Contudo, a criação do Oratório Festivo feminino fez parte do processo de romanização, que em Aracaju se concretizou com a presença do Bispo Dom José Tomaz Gomes da Silva³¹. Com a chegada do Bispo, várias instituições católicas foram criadas e reconhecidas, tais como, a Associação das Damas de Caridade da cidade em 1911; a União das Filhas de Maria em 1912, com sede no Colégio Nossa Senhora de Lourdes; o Seminário Sagrado Coração de Jesus para formação de padres³²; o Colégio Nossa Senhora das Graças de Propriá, em 1915³³. Vários outros mecanismos e diversas outras instituições foram criadas,

³¹ Nasceu no Rio Grande do Norte em 04 de agosto de 1873. Iniciou seus estudos eclesiais no Seminário de Olinda em 1891 e recebeu as ordens sacerdotais no Seminário da Paraíba em 1894. Desempenhou várias funções em sua carreira eclesial, sendo consagrado bispo de Aracaju em 1911 pelo Papa Pio X, com a sagração na capital da Paraíba no mesmo ano. Faleceu em 1948 em Aracaju. Verificar: ANDRADE JR. Péricles Moraes de. *Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe (1831-1926)*. São Cristóvão/SE: UFS/Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2000, p. 76. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).

³² BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. *Os Padres de Dom José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus*. São Cristóvão/SE: UFS/NPGED, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação).

³³ MELO, Valéria Alves. *As Filhas da Imaculada Conceição: um Estudo sobre Educação Católica (1915-1970)*. São Cristóvão-SE: UFS/NPGED, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação).

no período com o sentido de “promover o ensino religioso e o aperfeiçoamento doutrinário do povo”³⁴.

O Oratório Festivo feminino de Aracaju foi criado a 16 de Agosto de 1914, dentro dos parâmetros de simplicidade citados anteriormente. Conforme registrado no histórico da instituição, dois núcleos foram formados pelas senhoras da Associação das Damas de Caridade nos moldes do sistema salesiano com o fim de “reunir aos domingos e dias santificados, meninas para ensinar-lhes o catecismo”³⁵.

Os núcleos iniciaram em pontos diferentes da cidade sob a responsabilidade das senhoras Gesuína Sandes e Maria Almeida, na Rua do Rosário e Genésia Fontes e Regina Spinola na Avenida Barão de Maruim. (Resumo Histórico do Oratório Festivo Dom Bosco, 1925, p. 2). Constata-se na documentação que no mesmo ano os núcleos uniram-se somente sob a direção de Genésia Fontes num local chamado Várzea do Coelho, no Carro Quebrado (atual bairro São José), na sala de uma casa cedida por uma negra charuteira chamada Ceciliana Praxedes, com o fim de continuar as reuniões de catecismo aos domingos e feriados.

A “casa de palha” que originou o novo núcleo, denominado Oratório Festivo “Venerável Dom Bosco” estruturava-se de taipa e coberta de palha representando o estilo da maioria das casas da localidade do Carro Quebrado na época. O espaço funcionou com trinta meninas. “Nos primeiros dias de dezembro, após tríduo preparativo fizeram elas a santa comunhão em missa celebrada pelo Padre Aníbal ao canto de hinos piedosos”³⁶.

Na sede definitiva da instituição, adquirida em 1919, ergueu-se o complexo do Oratório Festivo “São João Bosco” que se conhece hoje. De início, era uma “choupana [casa de taipa coberta de palha] que servia, ao mesmo tempo, de capela, dormitório, sala de aula, tendo por refeitório o barracão”³⁷ e rodeado por dunas, porém era um terreno amplo para ampliações arquitetônicas.

³⁴ LIMA, Mons. Maurílio Cesar de. *Breve história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Restauro, 2001, p. 150.

³⁵ *Resumo Histórico do Oratório Festivo Dom Bosco*, 1925, p. 2.

³⁶ *Resumo Histórico do Oratório Festivo Dom Bosco*. Aracaju, 1925, p. 2.

³⁷ REGIS, Leyda. *Bebé: subsídio para uma biografia*. Aracaju/SE: Livraria Regina, 1968, p. 36.



Figura 4: Instalação definitiva do Oratório Festivo Dom Bosco, adquirida em 1919. Autoria desconhecida. Acervo do Oratório Festivo Dom Bosco.

Observam-se na fotografia, já nessa época diversos aspectos no tocante à ordem, disciplina e religiosidade, tais como: um número significativo de alunas vestidas com um roupão branco; a adoração a Dom Bosco, através do seu retrato doado por Padre Aníbal Lazzari e erguido ao fundo por duas alunas; e com relação à localidade notam-se vestígios dos morros de areia devido a uma inclinação no terreno. Nessa época (1919), a instituição continuou, funcionando com duas seções, Externato (com alunas em tempo integral) e Oratório Festivo (aos domingos e dias festivos). A partir de novembro de 1920, implantou-se o Internato para órfãs.

A documentação institucional registrou que a partir de 08 de setembro de 1920, o Oratório Festivo Dom Bosco ficou autorizado a realizar as comemorações discriminadas no calendário anual da Congregação Salesiana e efetivar sua participação nas “festas, cerimônias religiosas, procissões, homenagens e práticas apropriadas às diversas épocas do ano”³⁸. Além das festas comemorativas, o Oratório Festivo Dom Bosco estava sujeito à vistoria pelos padres inspetores salesianos. E por aconselhamento do padre Aníbal Lazzari, a diretora Genésia Fontes foi orientada a enviar cartas-relatórios mensais às Irmãs Salesianas.

³⁸ *Anais do Oratório Festivo São João Bosco*. Aracaju, 1925, p. 8-9.

Nos meses de julho e agosto de 1925, a instituição recebeu duas ilustres visitas, o novo padre, Inspetor Ambrósio Tirelli, no final do mês de julho; e no dia 05 de agosto, marcou presença o padre José Vespignani, Membro do Capítulo Inspetoral e Visitador Extraordinário das casas salesianas da América do Sul. No período, a diretora já estava com sede própria, acomodações razoáveis e com as três seções (modalidades) em funcionamento – Internato, Externato e Oratório Festivo. Assim, para receber as ilustres personalidades, o “Oratório engalanou-se e prestou aos distintos e virtuosos filhos de Dom Bosco as homenagens a que faziam jus seus méritos, cargos e virtudes”³⁹. Além das visitas ilustres e obrigações a cumprir, a instituição recebeu uma certificação dos membros salesianos reconhecendo a obra.

Nesse contexto, percebe-se o incentivo despendido à benemérita Genésia Fontes pelos padres salesianos – agentes da fé, “especialistas dos bens de salvação” – num momento em que a Igreja necessitava de pessoas predispostas a auxiliar na divulgação dos preceitos católicos e na educação e evangelização dos fiéis, servindo de exemplo e imitação entre os membros da sociedade. Assim, através dos princípios de Dom Bosco, a cooperadora salesiana Genésia Fontes procurou de forma simples e determinada alcançar seus objetivos.

O ENSINO NO ORATÓRIO FESTIVO DOM BOSCO

O Oratório Festivo oferecia modalidades de ensino formal e informal. As modalidades de ensino formal constituíam-se de Internato e Externato. No período de 1928 a 1936, funcionou uma Escola Pública isolada, mantida pelo Estado. Nessa, matriculavam-se em média 50 alunas por ano. Quando a escola isolada foi transferida, a diretora providenciou a construção de um espaço para atender as meninas das proximidades que se denominou Externato do Oratório Festivo “São

³⁹ *Anais do Oratório Festivo São João Bosco*. Aracaju, 1925, p. 8.

João Bosco” – de cunho particular que chegou a atender quase 100 alunas por ano, a partir de 1938.

Já a modalidade informal equivalia aos Oratórios Festivos, mantidos pela instituição. Atendiam em média 250 oratorianas todos os domingos, feriados e no carnaval.⁴⁰ Esses dias representavam os dias de folga das escolas públicas, de modo que era um momento de oferecer às meninas e moças das imediações educação religiosa católica. No carnaval, o Oratório abria suas portas durante os três dias, buscando afastar, principalmente, as moças de uma festividade considerada pelo catolicismo, deturpadora dos valores morais.

No ensino formal, a instituição adotou – conforme os Relatórios enviados à Diretoria de Instrução Pública do Estado e assinalados nos Anais da instituição – um conjunto de disciplinas deliberado no Regulamento da Instrução Pública para o ensino primário. Nessa época, com base no Decreto nº 867 de 11 de março de 1924, durante a gestão de Maurício Graccho Cardoso, a instrução primária estava “dividida em elementar e superior de três anos cada uma”⁴¹. Desse modo, a instituição oferecia às alunas, nos primeiros tempos, somente o primário elementar. Nas entrevistas, as alunas lembraram-se das aulas de Português (Cartilha), Matemática (Tabuada), aulas de Postura e Trabalhos Manuais. Porém, nos Relatórios e Anais da instituição, registrou-se que se oferecia o currículo do ensino primário especificado pela Instrução Pública do Estado, o qual segue:

Leitura, Escrita e caligrafia, Aritmética, compreendidas as quatro operações fundamentais e o sistema métrico decimal. Corografia do Brasil e de Sergipe (generalidades), Noções de Historia do Brasil e de Sergipe. Rudimentos de moral e instrução cívica, urbanidade e higiene. Moléstias mais comuns em Sergipe e meio de preveni-las. Por meio de lições de coisas: noções simples acerca de estrutura e funções do corpo humano; animais, plantas e objetos de imediata utilidade; fenômenos atmosféricos.

Elementos de trabalho manual. Cartonagem. Prendas de agulha e

⁴⁰ *Relatório do Oratório Festivo São João Bosco*. Aracaju, 1933, p. 3.

⁴¹ *ESTADO DE SERGIPE*. Regulamento da Instrução Pública, 1924, p. 6.

outros misteres domésticos, inclusive lavado e engomado, cultivo de hortas e jardins, para meninas, Ginástica, Formações, marchas⁴².

O Código de Menores Melo Matos prescrevia, em seu art. 191, que as instituições de abrigo oferecessem aos menores “exercícios de leitura, escrita ou contas, lições de coisas e desenho, trabalhos manuais, ginástica e jogos desportivos”. No art. 202, descreviam-se algumas atividades de trabalhos manuais para as meninas, que consistiam em “costura e trabalhos de agulha, Lavagem de roupa, Engomagem, Cozinha, Manufatura de chapéus datilografia, Jardinagem, horticultura, pomicultura e criação de aves”⁴³. Assim, a grade curricular determinada pelo Código de Menores exigia o mínimo estabelecido pela Diretoria da Instrução Pública brasileira.

No Oratório Festivo Dom Bosco, além das disciplinas obrigatórias prescritas pelo Regulamento de Instrução, ofereciam-se como complemento ao programa aulas de Religião, Música, Teoria Musical, Piano (essa prática não abarcou todo conjunto de educandas, somente um grupo de alunas que não foram reveladas na documentação) e Coral. Eram oferecidas ainda aulas de Noções de Civilidade e Postura, Canto Orfeônico, Ginástica, Teatro⁴⁴. Para as aulas de Trabalhos Manuais propostas pelo Regulamento, a instituição ofertava: Corte e Costura, Bordado, Flores Artificiais, Tapeçaria, Pintura e Desenho. Prendas Domésticas: Cozinhar, Lavado e Engomado, Limpeza da Casa⁴⁵.

Sendo assim, o Oratório Festivo Dom Bosco estava em concordância com as exigências da Diretoria de Instrução Pública do Estado e com o que estabelecia o Código de Menores de 1927.

No Sistema Preventivo de Dom Bosco, era imprescindível advertir ao aluno das normas contidas no Regulamento, para que ele soubesse de seus deveres e o grau das punições quando cometesse alguma indisciplina. No entanto, “avisar” sobre as regras não era o suficiente

⁴² ESTADO DE SERGIPE. Regulamento da Instrução Pública, 1924, p. 32.

⁴³ Código de Menores, 1927, p. 31-32.

⁴⁴ Relatório do Oratório Festivo São João Bosco. Aracaju, 1933, p. 2.

⁴⁵ Anais do Oratório Festivo São João Bosco. Aracaju, 1934.

para manter a ordem e a disciplina. O controle do espaço temporal era primordial para o sucesso da padronização das ações e das atitudes do aluno, pois, o controle do tempo, além de prevenir contra a ociosidade, era uma forma de interiorizar as divisões do espaço temporal, no qual deveria habituar-se a preenchê-lo organizadamente para saber diferenciar o tempo das atividades laborais e os momentos de descanso.

Desse modo, as atividades distribuídas na instituição ocupavam as alunas em tempo integral. O dia era organizado com diversos afazeres no sentido de impedi-las a cometer faltas. Assim, além do calendário oficial correspondente ao ano letivo, cumpria-se o calendário religioso Salesiano, e outros eventos que sumariamente realizados no calendário salesiano fizeram parte da “dimensão simbólica que perpassa o universo dessas instituições educativas”⁴⁶, tais como: a distribuição anual de prêmios, passeios e visitas de cumprimento e agradecimentos a beneméritos, padres inspetores e pessoas outras que auxiliavam a instituição. Eram eventos que poderiam realizar-se no decorrer do ano, na medida do necessário, exceto os passeios e a distribuição de prêmios, que tinham dias específicos para realizarem-se.

A regularidade das atividades era indispensável para o controle do tempo e do espaço proporcionado no Oratório Festivo Dom Bosco, principalmente aquele direcionado às alunas em regime de internato, tornou-se condição adequada para aquisição ou formação de um *habitus*, que foi construído a partir das relações entre todos os seus agentes e por intermédio da aplicação de ações pedagógicas que procuraram conformar nas educandas uma linguagem específica para “percepção e apreciação” do mundo social, bem como a formação de “esquemas de classificação”⁴⁷ ou “habilidades sociais”⁴⁸, suficientes para se comportar

⁴⁶ SOUZA, Rosa Fátima de. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinicius. *Ideário e imagens da educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000, p. 10.

⁴⁷ O mundo social para Bourdieu “pode ser dito e construído de diferentes maneiras, de acordo com diferentes princípios de visão e divisão – por exemplo, as divisões econômicas e as divisões étnicas, religiosas.” BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 158-159. Essa percepção de variações irá depender da posição do espaço de seus agentes, estabelecendo assim, a variação nas práticas, ou seja, nas representações.

⁴⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994, p. 48.

devidamente em alguns ambientes sociais, a exemplo da Igreja, da rua ou de casa. Todavia, tais habilidades tornar-se-iam mutáveis conforme o grau de experiências que as alunas fossem submetidas dentro da instituição ou quando fora dela.

Os agentes do processo educativo – que era composto por professoras formadas no Curso Normal – distribuíam a rotina diária das alunas de forma que “o tempo escolar [estivesse] vinculado ao tempo religioso [...] e também um tempo de trabalho”⁴⁹, visando incorporar “estruturas estruturadas estruturantes”⁵⁰, que definiam um costume e um ritmo, porque “tudo era dividido por hora e dava tempo para tudo”, conforme relatou a ex-interna Ferreira⁵¹. Rodrigues, ex-interna que entrou na instituição em 1948, ressaltou que o dia começava cedo e era organizado. “A gente acordava cedo para ir à missa. Toda vida teve missa, tinha um padre que ia celebrar a missa no Oratório, padre Adriano. Era costume, mãezinha [dona Bebê] botou aquele ritmo. Ela era muito religiosa, tinha vontade de ser freira, mas não foi”⁵².

Em suas declarações, Rodrigues descreveu a distribuição do tempo de forma minuciosa:

Todo dia tinha missa, a gente acordava cedo às 5:30 horas, tomava banho, se vestia. Às 6:00 horas a gente tinha que estar na Igreja. A primeira coisa do dia era a missa. Depois da missa a gente saía todas em fila direitinho ia pro refeitório tomar café. Depois do Café era que a gente voltava para trocar de roupa [vestir o fardamento diário] para começar as aulas de 8:00 ao meio dia [...]. Depois das 13:00 horas a gente ia fazer as obrigações da casa [...]. Quando era 14:00 horas em ponto tinha aulas de trabalhos manuais

⁴⁹ NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. *Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical*. Maceió: EDUFAL, 2007, 176-177.

⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

⁵¹ FERREIRA, Reuza Maria Lopes. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 26 de outubro de 2008.

⁵² RODRIGUES, Maria Madalena da Conceição. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 11 de julho de 2010.

com dona Aurinha. No intervalo tinha lanche às 3:00 da tarde, lanchava e voltava logo. E assim passava a hora até às 4:00 da tarde, quando a gente era dispensada ia tomar banho. [...] Depois do banho às 6:00 da tarde, o sino tocava. Pelo sino a gente já sabia e Maraci [auxiliar] cantava a Ave Maria. A gente sabia que era hora do *Angelus*. Na hora vinha minha Aurinha e mãezinha, ficavam na frente e rezavam *Angelus Domini*..., todas as alunas juntas, acompanhavam. Depois do canto a Nossa Senhora, dali mesmo fazia a fila e ia para o refeitório tomar café. Era tudo muito bem organizado. Depois limpávamos o refeitório e a gente podia brincar no pátio até à hora de se recolher às 8:30 horas da noite. Mas antes de subir para o dormitório a gente fazia um lanche. Um biscoitinho seco de coco com café. Ah! Eu adorava. Já no quarto antes de deitar a gente rezava ao pé da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora que ficava no centro do dormitório. Depois tinha a Boa Noite que mãezinha dizia pra gente, alguns avisos de coisas que a gente não devia fazer, ter fé em Dom Bosco, e outros conselhos. Tudo isso antes da gente deitar. Uma auxiliar ficava vigiando a gente pra ficar em silêncio até dormir⁵³.

Constata-se através desse depoimento e de outros similares, que o cotidiano das alunas estava dividido em vários momentos, vivido em lugares determinados e específicos. O dia era um período de aprendizado, dividido em tempos de estudar, o tempo da higiene e da alimentação, o tempo dedicado aos ofícios religiosos, o tempo do trabalho (afazeres domésticos) e o tempo da recreação e descanso.

O ano letivo das alunas internas iniciava no mês de março e terminava no final de novembro com a festa de encerramento do ano letivo. A partir desse evento – no qual se realizavam celebrações religiosas, banca examinadora, certames, apresentações teatrais, leitura de atas e distribuição de prêmios – davam-se as férias. Durante o período das férias ocorriam os passeios para sítios ou chácaras de beneméritos no

⁵³ RODRIGUES, Maria Madalena da Conceição. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 11 de janeiro de 2010.

interior do Estado, como Riachão do Dantas, a cidade natal da diretora ou à casa de veraneio localizada na Atalaia.

Durante o período letivo desenvolviam-se diversas práticas festivas e religiosas propostas no calendário salesiano, que se articulavam com as práticas dos estudos regulares por intermédio das dramatizações, declamações, jogos e brincadeiras. Essas atividades extras contribuíram para transmitir o ensino religioso, bem como os valores morais e o código de comportamentos sociais que tinha disciplina específica – as aulas de Postura e Noções de Civilidade.

As aulas de Postura e Noções de Civilidade foram muito importantes no quadro curricular, porque visavam ensinar as boas maneiras às alunas para apresentarem-se corretamente em público. Objetivavam ainda trabalhar a “natureza” destas, através do “mecanismo do controle das emoções” (sensibilidades e sensações), pois, as moças tinham que aprender a “policiar o próprio comportamento”⁵⁴. Para isso, no decorrer da disciplina impunham-lhes um conjunto de atividades (dramas, canções, hinos religiosos, orações, jogos, entre outros), no sentido de auxiliar na “formação de sensibilidades recatadas, civilizadas, consideradas indispensáveis como signos de refinamento”⁵⁵.

“A aula de Postura quem dava era minha Aurinha”⁵⁶. A professora Áurea Vitória de Amorim ingressou na instituição em 1929. Além dessa disciplina ministrou aulas de trabalhos manuais, piano, música teórica e organizou o coral designado *Schola Cantorum* do Oratório Festivo Dom Bosco, tendo em vista a participação das alunas em eventos. Segundo o Relatório de 1946, no dia 30 de abril, as alunas internas foram assistir a uma sessão literomusical no Ginásio Salesiano, formando no momento um número de canto orfeônico para os convidados. Essa e outras participações das alunas em ambientes sociais da cidade foram relevantes a ambos os lados: para a instituição, que podia mostrar à sociedade a seriedade do tra-

⁵⁴ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994, p. 93.

⁵⁵ CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal (Anos 1920-1960). In: *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação*. COLUBHE06. Uberlândia/MG: UFU, 2006, p. 353.

⁵⁶ FERREIRA, Reuza Maria Lopes. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 13 de agosto de 2010.

balho desenvolvido; e para as alunas porque eram momentos oportunos de circular fora do espaço institucional, permitindo-as outras visões de mundo.

Todavia, as aulas de Postura não se limitaram a ensinar às meninas modos de vestir, falar, andar e comportar-se em público, aspectos necessários para causar a tão cobrada boa impressão à sociedade. Outras normas de etiqueta referentes à recepção eram ressaltadas: “aprendemos a arrumar uma mesa”, “aprendemos a colocação dos talheres, copos, pratos e a servir a comida”, a “usar os talheres na hora de comer”, e ainda “aprendemos como receber convidados em nossa casa, como deixar a casa limpa e bem apresentada”⁵⁷, afirmou a ex-interna Ferreira.

Nos ensinamentos formal e informal, além das aulas de etiquetas e comportamento, as alunas incorporavam as práticas religiosas, entendidas neste trabalho como formas⁵⁸ de linguagem⁵⁹. O mês mariano e as flores, o Santo Natal, árvore de Natal, presépio e o papai-noel, os festejos a Dom Bosco e o beijamento de sua relíquia, as imagens de santos, santinhos, os milagres atribuídos a Dom Bosco e os retiros, auxiliaram muito na transmissão dos ensinamentos religiosos proporcionados pela instituição, visando à formação de um *habitus* religioso nas alunas que deveriam incidir nos gestos, no corpo e nos pensamentos.

Os recursos utilizados na transmissão foram variados, tais como: máquina cinematográfica e vitrola, o piano e o harmônio. Do mesmo modo, foram variadas as atividades culturais desenvolvidas na instituição. A dramatização e a música foram as preferidas, porque

⁵⁷ FERREIRA, Reuza Maria Lopes. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 26 de outubro de 2008.

⁵⁸ Conforme Bourdieu, “dar forma” – significa “dar a uma ação ou a um discurso a forma que é reconhecida como conveniente, legítima, aprovada, [...] uma forma tal que pode ser produzida publicamente diante de todos, uma vontade ou uma prática que apresentada de outro modo, seria inaceitável [...]. A força da forma esta vis formae de que falavam os antigos, é esta força propriamente simbólica que permite à força exercer-se plenamente fazendo-se desconhecer enquanto força e fazendo-se reconhecer, aprovar, aceitar, pelo fato de se apresentar sob uma aparência de universalidade – a da razão ou da moral”. BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 106. É nesse sentido que se elege à palavra “forma” neste estudo – transmitir o discurso ou ação de uma maneira que mascare ou encubra o significado real da mensagem.

⁵⁹ Chartier aludiu que “a construção dos interesses pelas linguagens disponíveis” [ou formas de expressão] “em um determinado tempo sempre está limitada pelos recursos desiguais (materiais, linguísticos ou conceituais) de que dispõem os indivíduos” e somente terão sentido e eficácia, conforme a apropriação de seus atores, pois, eles inventam e reinventam as práticas de representação. CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 48.

atraíam alunas e a comunidade. As peças teatrais tratavam de temas variados, um deles era sobre a infidelidade religiosa visando fortalecer a fé dos assistentes.

Torna-se importante frisar que o emprego das diferentes formas de linguagem gerou condições para a difusão da fé no catolicismo e contribuiu para disseminar os valores morais e cristãos entre as famílias num momento em que o movimento de reforma católica intensificou-se no Brasil a partir de meados de século XIX, com a atuação dos bispos, visando o fortalecimento da Igreja. Azzi acredita que naquela época,

[...] já estava em marcha no Brasil um movimento de promoção tridentino. A ação dos bispos reformadores não se limitava simplesmente a criticar ou reformar o catolicismo de tradição colonial. Simultaneamente, procuravam os bispos dar uma nova orientação ao catolicismo do povo brasileiro, através de novas formas de devoção e piedade. Convém ressaltar que essa nova instrução está centrada na vida sacramental. Tanto a instrução catequética como as novas formas de devoção e as associações religiosas têm como finalidade última levar o povo a uma vida sacramental mais intensa⁶⁰.

Os retiros e o mês mariano estão dentro desse quadro de “novas formas de devoção e piedade” para o povo e que no Oratório Festivo Dom Bosco essas práticas aconteciam anualmente. Era uma prática regulada e obrigatória para as alunas, principalmente as internas. Os retiros espirituais praticados na instituição ocorriam num período de três dias. Eram organizados num programa regular e intenso “confeccionado pela diretora e constava de visita ao S. S. Sacramento, Via-Sacra, Ofício a Nossa Senhora”⁶¹, e outros exercícios piedosos que aconteciam, geralmente em quatro práticas diárias.

⁶⁰ AZZI, Riolando. Op. cit., p. 112

⁶¹ Anais do Oratório Festivo São João Bosco. Aracaju, 1925-1952.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Oratório Festivo Dom Bosco é uma instituição que há 96 anos presta serviços à comunidade sergipana. Funciona com modalidades de Internato e Escola de Ensino Fundamental. De fato que hoje os tempos são outros, mas alguns aspectos na prática pedagógica e organizacional da instituição ainda permanecem como o ensino da catequese e o atendimento tradicional e exclusivo a meninas. As festas e práticas ocorridas na instituição auxiliavam na transmissão do catolicismo e na interação entre as famílias das alunas e pessoas da comunidade, o que possibilitava às alunas internas a interação com os hábitos do mundo exterior.⁶² No entanto, as práticas educativas, festivas e religiosas desenvolvidas no Oratório Festivo Dom Bosco determinaram com maior ênfase a formação de um *habitus* religioso em detrimento do aprendizado escolar. Há indícios de que o objetivo da instituição era produzir uma mulher católica, “apta” ao dever cristão, com experiência no cuidado da casa, do marido e dos filhos. Apesar disso, quando as alunas saíam da instituição tinham receios e aspirações. “Medo de encarar o mundo” e desejos de “continuar os estudos” e realizarem seus sonhos.

FONTES

a) Documentos oficiais

Anais do Oratório Festivo São João Bosco. Aracaju, 1925-1952.

ESTADO DE SERGIPE. Regulamento da Instrução Pública. Aracaju, 1924.

⁶² A noção de representação aproxima as “posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais”, contribuindo para a produção e transmissão representações de práticas que apropriadas, consciente ou inconscientemente, “incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social”, acrescentando ainda a construção dos comportamentos e hábitos encarregados de mostrar uma identidade adquirida. CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 49-50.

Relatório do Oratório Festivo Dom Bosco. Aracaju, 1933.

Resumo Histórico do Oratório Festivo Dom Bosco, 1925.

b) Revista e Jornais

BOLETIM SALESIANO, ano VII, vol. II, nº 1, jan./1908.

BOLETIM SALESIANO, ano X, vol. IV, n. 1, jan./ 1911.

BOLETIM SALESIANO, ano X, vol. IV, nº 9, set./1911.

BOLETIM SALESIANO, Ano XI, vol. IV, jul./1912.

BOLETIM SALESIANO, nº 3, mar./1961.

Diário Oficial do Estado de Sergipe. Estatuto do Oratório Festivo “São João Bosco”. Aracaju, ano XVIII, nº 6.637, 05/dez./1936, p. 2.361-2.362.

c) Fontes orais

RODRIGUES, Maria Madalena da Conceição. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 11 de janeiro de 2010 e a 12 de julho de 2010. (interna). Aracaju/SE.

FERREIRA, Reuza Maria Lopes. Entrevista concedida a Nadja Santos Bonifácio a 26 de outubro de 2008 e a 13 de agosto de 2010. (interna). Aracaju/SE.

d) Fonte eletrônica

São João Bosco – Traços Biográficos. Disponível em: <http://www.auxiliadora.org.br/dombosco.htm>. Acesso em 09 de dezembro de 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE Jr. Péricles Moraes de. Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe (1831-1926). São Cristóvão/SE: UFS/Núcleo

de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).

AZZI, Riolando. Os Salesianos no Brasil: à luz da história. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1982.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. Os Padres de Dom José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus. São Cristóvão/SE: UFS/NPGED, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação).

BESSE, Susan K. Modernização a Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BONIFÁCIO, Nadja Santos; FREITAS, Anamaria G. Bueno de. Mulheres Reunidas: o legado da União das Ex-Alunas do Oratório Festivo São João Bosco. In: Anais do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Infância, Juventude e Relações de Gênero na História da Educação. São Luís/MA: UFMA, 2010, p. 5.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. “Um só coração e uma só alma”: as influências da ética romântica na intervenção educativa salesiana e o papel das atividades corporais. Rio de Janeiro: UGF, 2005. Tese (Doutorado em Educação Física).

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. “Casa Giocosa”, Oratório São Girolamo”, “Oratório São Francisco de Sales”: Experiência que se refazem e se aprimoram. In: Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. COLUBHE06. Uberlândia/MG: UFU, 2006, p. 4.188-4.195.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005

BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004b.

CASTRO, Afonso. Formação Salesiana: trabalho, educação e ética. Campo Grande: UCDB, 2003.

CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal (Anos 1920-1960). In: Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. COLUBHE06. Uberlândia/MG: UFU, 2006, p. 350-361.

LIMA, Mons. Maurílio Cesar de. Breve história da Igreja no Brasil. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

MARCÍLIO, Maria Luiza. História Social da Criança Abandonada. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

MELO, Valéria Alves. As Filhas da Imaculada Conceição: um Estudo sobre Educação Católica (1915-1970). São Cristóvão-SE: UFS/NPGED, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação).

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Memórias do aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió: Edições Catavento, 2004.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A formação do homem civilizado. In: EDUCAR-SE; Revista Trimestral da Educação e do Desporto e Lazer. Ano 1, nº 33, mar./1997, p. 33-51.

OLIVEIRA, Luiz de. Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nor-

deste do Brasil. Vol. I – (dos primórdios até 1933). Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994a.

REGIS, Leyda. *Bebé: subsídio para uma biografia*. Aracaju/SE: Livraria Regina, 1968.

SANTOS, Priscila dos Santos; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. As irmãs salesianas: na educação da mulher natalense na década de 1970. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: a Educação Escolar em Perspectiva*. Curitiba/Paraná: PUCPR, 2004, p. 1-9.

SCARAMUSSA, Tarcísio. *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1977. (Coleção Pedagogia Viva).

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. In: *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, vol. 17, n. 2, 2005, p. 335-350.

SILVA, Antenor de Andrade. *Os Salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe – Brasil (1897-1970)*. Instituto Storico Salesiano – Roma, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius. *Ideário e imagens da educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000, p. 3-28.

SOUZA, Valéria Carmelita Santana. *A Cruzada Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX*. São Cristóvão/Se: UFS/NPGED, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação).

Artigo recebido em junho de 2011. Aprovado em julho de 2011.

